

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

183

INSCRIÇÕES 682-684



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2019

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



MOSAICO COM INSCRIÇÃO NA *VILLA* ROMANA DE
S. SIMÃO, PENELA

A *villa* romana de S. Simão faz parte do território do antigo *municipium* de *Conimbriga*, *Conventus Scallabitanus*, província da *Lusitania*. A *pars urbana* da *villa* localiza-se no adro, na via pública e nos terrenos adjacentes à Capela da Senhora da Graça, em S. Simão, no vale do Rio Dueça, concelho de Penela, distrito de Coimbra.

O sítio foi referenciado a primeira vez no jornal *O Século*, em 1901, e republicado n’*O Archeologo Português* em 1902 (ed. 1903), por Pedro A. de Azevedo¹. A descoberta, referida como um “Importante achado archeologico”, menciona a descoberta de mosaico romano por várias pessoas em épocas anteriores, nos terrenos agrícolas em redor da Capela da Senhora da Graça. Contudo, este registo perdeu-se na memória coletiva, ficando apenas a reminiscência de um convento ou cidade (*ibidem*, p. 60).

Apesar de o sítio de São Simão ser referido por alguns autores na década de 80 – Salvador Dias Arnaut², Miguel

¹ AZEVEDO, Pedro A. de, «Notícias archeologicas», *O Archeologo Português*, 7, 1902, p. 58-67.

² ARNAUT, Salvador Dias (2009), *Penela – História e Arte*, Penela, p. 94.

Pessoa³ e Jorge de Alarcão⁴ – como um local conhecido pela existência de mosaicos romanos, o certo é que se desconhecia a localização correta. A sua redescoberta ocorre, pois, somente em 2001, durante a construção do muro de suporte do adro da Capela da Senhora da Graça. Após algumas contrariedades na escavação e consequente estudo, só em 2016 se dá início ao PIPA “O Sítio Arqueológico de São Simão”.

Os materiais encontrados – as *sigillatas* hispânicas e um conjunto bastante razoável de numismas datados de séc. III a IV – indicam-nos que a *villa* terá sido ocupada entre o século II e o V d. C.

Na escavação da *pars urbana* foram identificados vários compartimentos (um corredor, o *triclinium*, alas do *peristylum*, o *impluvium*, a cozinha?) e algumas divisões às quais ainda não conseguimos atribuir uma função específica, nomeadamente aquelas onde estão localizados os mosaicos 5, 6, 11 e 13 (FIGS. 1 e 4).

O programa musivo da *villa* exhibe um conjunto apreciável de mosaicos, até agora num total de 13 painéis, que decoravam as diversas áreas na *pars urbana*. O panorama iconográfico é muito distinto: os pavimentos do *triclinium*, do corredor e das alas do *peristylum* (os mosaicos 3, 4, 7, 8, 9, 10 e 13, respetivamente) apresentam motivos geométricos simples e bicromáticos (branco e preto), em contraste com os painéis 1, 2, 5, 6, 11 e 13 que ostentam composição geométrica elaborada com uma paleta de cores variada. Esta diferença parece-nos apontar para, pelo menos, duas fases construtivas da *villa*, que correspondem a alterações nos programas decorativos, assim como um maior cuidado

³ PESSOA, Miguel (1986), «Subsídios para a Carta Arqueológica do período romano na área de Conimbriga», *Conimbriga*, 25, p. 53-73; *Idem* (2005) «Contributo para o estudo dos mosaicos romanos no território das *civitates* de *Aeminium* e de *Conimbriga*, Portugal», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8/2, p. 363-401; PESSOA, Miguel; RODRIGO, Lino; VICENTE, Sónia (2001), *Relatório da villa romana de S. Simão*; PESSOA, Miguel e VICENTE, Sónia (2004), *Relatório da villa romana de S. Simão*.

⁴ ALARCÃO, Jorge de (1990), «A paisagem rural romana e alto-imperial em Portugal». *Conimbriga*, 29, est. VIII, p. 98.

e mais pormenor na elaboração dos mosaicos numa segunda fase. No entanto, não é este o único revestimento existente na habitação, uma vez que também identificámos pavimentos em *opus signinum*, que revelam outras opções construtivas, mais simples e económicas de executar, em caso de restauro ou de reforma da habitação.

A oeste, na divisão contígua ao *peristylum*, existe um compartimento com dois pavimentos musivos em cotas distintas. Originalmente, o pavimento (mosaico 11) era visível do *peristylum* através de uma porta que, em determinada altura, foi fechada. Não sabemos, ainda, como se faria o acesso a este compartimento posteriormente ao fecho da entrada original, dado que as escavações nesta área não estão concluídas.

O “mosaico 11” (FIG. 2) foi elaborado com *tesserae* miudíssimas criando uma composição central graciosa, onde sobressai o rigor e o cuidado, revelando, de certa forma, a importância deste compartimento, ao qual não conseguimos atribuir, ainda, uma função. A descrição que se segue é provisória, tendo em conta a futura continuidade dos trabalhos arqueológicos no local.

O painel central é cercado por duas molduras, do exterior para o interior: a primeira tem barra de *cheverons*, em oposição de cores (branca e preto), logo seguida por composição reticulada de quadrados com estrela de oito losangos⁵; segue-se a estas molduras uma barra de tesselas brancas, marcando a transição para o painel central.

O mosaico central é composto por uma moldura de ondas com fundo em *dégradé*, policroma⁶. Ao centro, composição policroma de círculos grandes e pequenos, tangentes, executados com tranças de três fios, formando, possivelmente, octógono irregular côncavo, ao centro⁷. No interior do círculo maior, um florão formado por quatro

⁵ BALMELLE, Catherine *et alii* (1985), *Le Décor Géométrique de la Mosaïque Romaine – Répertoire graphique et descriptif des compositions linéaires et isotropes*, Paris. A pl.176e, p. 272-273, apresenta uma variante.

⁶ BALMELLE, o. c., pl. 60g, p. 110.

⁷ BALMELLE, o. c., pl. 236b, p. 369, é variante.

cálices bífidos com apêndices.

A entrada do compartimento, agora fechada, é marcada por uma linha de quadrados denticulados espaçados regularmente entre si, seguida de uma inscrição em duas linhas (Fig. 3): as letras em tesselas rosa escuro, o contorno e o preenchimento do campo epigráfico a tesselas brancas. A inscrição foi alvo de uma intervenção de restauro executada ainda na época romana, em *opus signinum*. A necessidade de colmatação de lacuna terá existido, possivelmente, por se tratar de zona da passagem, ou mesmo, quiçá, por fazer referência a algo ou a alguém que se quis eliminar. O compartimento revela também problemas associados à movimentação de águas no solo e à proximidade da linha de água, que originaram algumas deformações na superfície do *tesselatum* e o destacamento de tesselas, agora intervencionado por nós.

Campo epigráfico: 18 x 110 cm.

Lê-se:

[...]EFE [...]CALIGIS
CATVR[...]DEO

Altura das letras: l. 1: EFE = 6,9; C = 5 [?]; A = 6,5; L = 8,5; I = 6,9; G = 8,5; S = 6,4; S = 7,6 cm. l. 2: C = 6,8; A = 6,7; T = 7; V = 6,9; R = 6,8; D = 7; E = 6,9; O = 6,4 cm. Espaço entre a linha 1 e 2: 0,9 cm.

Bem enquadrada num rectângulo, a epígrafe apresenta-se com caracteres actuários, a denotar que o cartão poderá ter sido escrito não com rigor geométrico, mas quase à mão levantada e assim passado para o *tesselatum*. Veja-se: a segunda barra do F ligeiramente acima do meio da letra; a inclinação do A antes do L, também ele de barra oblíqua, como acontece de seguida com o G, a fim de se poupar espaço; S não simétrico; na l. 2, A de reduzida dimensão; V de larga abertura; o espaço deixado após o D, para não colidir com a perna do L. O mosaicista estudou bem a paginação.

Na l. 1, o primeiro E reconstitui-se sem lugar para dúvida, quer por comparação com a barra inferior do seguinte, quer porque se enxerga a ponta final da barra intermédia. Antes,

haverá lugar apenas para uma só letra, se tivermos em conta que, em baixo, na l. 2, CA se mostra apertado; quando muito, duas, também apertadas. O remendo a que se fez referência retirou tudo o pré-existente – eventualmente, cinco caracteres em ambas as linhas –, mas não parece ousado reconstituir, no fim dele, na l. 1, o C, de que se enxerga uma porção da sua curvatura superior, muito idêntica à do G seguinte, cuja identificação é segura⁸. Assim, a palavra *Caligis* torna-se susceptível de ser uma boa leitura.

Na l. 2, a possibilidade de a 5ª letra ser R baseia-se na circunstância de nos parecer ver boa parte da perna que completaria essa letra. CATVR, numa inscrição funerária da área lusitana, incitar-nos-ia, de imediato, a reconstituir um antropónimo com esse radical: *Caturo*, *Caturus*, *Caturicus*, nomes assaz documentados epigraficamente⁹. Parece-nos, porém, não ser este o ambiente. Por outro lado, no léxico latino só encontramos com esse radical o etnónimo *Caturiges*, a identificar um povo da Gália. Também poderia ser CATVP; contudo, a dificuldade mantém-se: não há palavra latina que comece assim.

No final, DEO levar-nos-ia a ver aí o dativo ou o ablativo de *deus*, hipótese que, naturalmente, implicaria duas conclusões: ou estávamos perante um mosaico de ambiente cristão e *Deus* era o Deus único, ou se trata do adjectivo deificante de um teónimo desaparecido com o remendo.

Chegados a este ponto, importa reflectir sobre que tipo de inscrição aqui poderemos ter.

Ocorrem-nos dois paralelos.

Prende-se o primeiro com o habitual voto: *utere felix!* «Usa com felicidade». Teríamos desta sorte, no início, VTE(re) FE[LIX].

O segundo é sugerido pelo significado da palavra *caligis*. Usando botas grossas, da tropa, depressa o mosaico se deteriorará; portanto, poderia haver à entrada uma

⁸ Igual ao apresentado no nº 5, Fig. 9 (p. 12) de BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946. 2ª edição, 1963.

⁹ Veja-se VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 267-271 *et passim*.

recomendação de que, para bem se usufruir do mosaico, haveria que descalçar essas botas: VTE(re) FE[LIX SINE] CALIGIS. A recordar a recomendação de Torre de Palma: *Scopa aspra tesseram ledere noli. Utere felix*¹⁰. A palavra *caliga*¹¹ foi de mui escassa utilização: ocorrerá apenas quatro vezes em textos clássicos, uma das quais no *Satiricon*, de Petrónio (69, 5): «Tanto melhor inquit Massa dono tibi caligas», «Tanto melhor, Massa, disse [Habinnas], dou-te umas botas!». Em Séneca, *caliga* tem mesmo o sentido figurado de exército, vida militar, nomeadamente quando fala de Mário: «Marium caliga dimisit consulatus exercet» (*De Brevitate Vitae*, 17, 6); «C. Marius ad consulatus a caliga perductus» (*De Beneficiis*, 5, 16, 2).

Uma pesquisa na base de dados epigráficos de Clauss¹² pela palavra «caliga», mantém-nos nesse ambiente militar, mediante a identificação de *caliga* com o serviço no exército: *caligavit tot annis...*

Seria, pois, deveras curiosa a possibilidade de esta interpretação estar correcta. Mais: se também, em vez do significado concreto, entendêssemos *caliga* nesse âmbito militar. E teríamos aqui um voto de paz, o desejo de felicidade sem guerra.

Quanto à l. 2, permanece para nós, por enquanto, no mundo do mistério, inclusive porque se não logrou ainda perceber que tipo de mensagem ali poderá estar: o nome do proprietário? Esconjuro sob a invocação de uma divindade? Não se resistiria, porém, a avançar uma hipótese passível de suscitar as maiores e válidas objecções, por se apelar a uma divindade que nada tem a ver com o panteão da Hispânia romana: CATVRIGI MARTI DEO. Um ablativo absoluto

¹⁰ IRCP 602.

¹¹ Conta Suetónio, na biografia do imperador Calígula: «O nome [de Calígula] deve-o ele a um gracejo militar, pois foi criado no meio de soldados, vestido de soldado raso», pois *caligula* é o diminutivo de *caliga*. Cf. Suetónio, *Os Doze Césares*, Lisboa, Editorial Presença, 1979, p. 157 [Tradução e notas de João Gaspar Simões].

¹² <http://www.manfredclauss.de/gb/>.

(‘sob a protecção do deus Marte Caturígio’) ou um dativo (‘ao deus Marte Caturígio’). Adequava-se ao espaço e até – se quisermos forçar a nota, retomando uma ideia atrás expendida – justificava a razão de, por estar mencionada uma divindade estranha, a determinado momento, a sua identificação ter sido apagada. A *damnatio memoriae* não de uma pessoa mas de uma divindade alheia!

Para além desse carácter alheio à Península Ibérica, outra objecção de peso é o facto de a expressão que surge nas inscrições (por exemplo, na Germânia Superior, CIL XIII 5046) é *Marti Caturigi*. Se calhar, por estas bandas ocidentais, não se sabia lá muito bem como é que esse Marte se designava!... E a junção da palavra *deo* ganha justificação para acentuar o seu carácter divino, como amiúde se tem salientado quando se trata da *interpretatio*, por parte dos indígenas, de divindades romanas às quais associam as suas, autóctones¹³.

Caturix era uma divindade do panteão gaulês, concretamente dos Helvécios¹⁴; segundo Ludivine Péchoux¹⁵, integrava o culto doméstico, dado que as inscrições que lhe foram dedicadas se identificaram em *villae* galo-romanas, característica que, de resto, não seria caso único na Lusitânia, atendendo ao facto de também se haver encontrado na *villa* de Torre de Palma um baixo-relevo com a figura de Marte e uma inscrição que o menciona; Scarlat Lambrino chegou a formular a hipótese de se tratar aí não do deus da guerra propriamente dito, mas de uma divindade da agricultura, em luta contra os flagelos atmosféricos que atormentam os agricultores (IRCP 568).

¹³ LAMBRINO (Scarlat), «Les cultes indigènes en Espagne sous Trajan et Hadrien», *Les Empereurs Romains d'Espagne* (Actes du Colloque International sur les Empereurs Romains d'Espagne – Madrid, 1964), Paris, 1965, p. 226.

¹⁴ AE 2006 918; LUGINBÜHL (Thierry), «Mars Caturix: *numen* et sanctuaires du Mars helvète», in BROUQUIER-REDDE (Véronique) *et alii* (eds.), *Mars en Occident. Actes du Colloque International autour d'Allonnes (Sarthe), Les Sanctuaires de Mars en Occident* [Le Mans, 4-6 Juin 2003] Rennes, 2006, p. 63-72.

¹⁵ PECHOUX (Ludivine), *Les sanctuaires de périphérie urbaine en Gaule romaine*, Montagnac, 2010, p. 87 e 353..

Escusado será dizer que são argumentos passíveis de validar a nossa hipótese; mas não insistiremos nela. Contudo, recapitulando, de acordo com as hipóteses sugeridas, teríamos a nossa proposta de reconstituição assim:

VTE(re) FE[LIX SINE] CALIGIS / CATV[RIGI
MARTI] DEO

«Usa com felicidade, sem botas! Sob a protecção do deus Marte Catúrigo».

Convenhamos, na verdade, apesar de tudo, que o deus Marte não iria mal com... as botas militares!...

SÓNIA VICENTE*
ANA LUÍSA MENDES**
FLÁVIO SIMÕES***
MÁRIO DUARTE****
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

* Arqueóloga – Museu da *villa* romana do Rabaçal / Município de Penela.

** Conservadora-Restauradora – Museu da *villa* romana do Rabaçal/ Município de Penela.

*** Antropólogo – Associação de Amigos da *villa* romana do Rabaçal.

**** Historiador de Arte – Município de Penela.



FIG. 1 – Área escavada em 2017 e 2018.



FIG. 2 – Compartimento do mosaico 11.



FIG. 3 – Inscrição no Mosaico 11

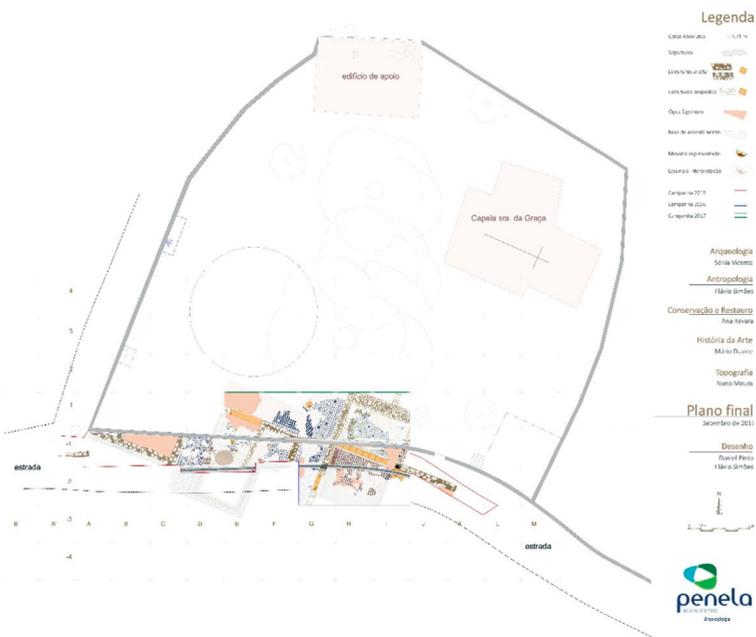


FIG. 4 – Planta geral da escavação do Sítio Arqueológico de S. Simão – 2017